

VIVÊNCIAS DE FEIRANTES EM DOIS MUNICÍPIOS DO PARANÁ: UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

José Matheus de Miranda (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Daniele Almeida Duarte
(Orientadora), e-mail: josematheusparana@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas e
Artes/Maringá, PR.

70709041 Fatores Humanos no Trabalho

Palavras-chave: Feira, Fotonarrativas, Saúde do Trabalhador

Resumo:

A feira configura-se como uma parte importante no fornecimento de mantimentos dentro do cenário urbano. Nesse contexto, o feirante é o personagem que protagoniza a feira e por meio dela experiencia relações diversas nesse trabalho, que abarca distintos aspectos e habilidades do indivíduo, pois este assume ao mesmo tempo o papel de vendedor e o artístico, sendo as interações sociais em espaços abertos elemento diferencial da feira livre enquanto modelo de mercado. O objetivo desta pesquisa foi compreender os processos de trabalho e a intersubjetividade dos trabalhadores da feira livre por meio da perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória e de campo a fim de aprofundar o conhecimento sobre as relações estabelecidas dentro da feira e possibilitar a análise dos materiais obtidos contemplando os aspectos da vivência dos trabalhadores de feiras livres em dois municípios do Paraná. As técnicas para a produção de informações foram as entrevistas semiestruturadas e as fotonarrativas para permitir que os próprios feirantes participem ativamente da interpretação de seu cotidiano a partir da sua visão de realidade. Através dos materiais produzidos, sistematizados a partir da análise de conteúdo temática, pudemos constatar que aspectos como o orgulho, as dificuldades enfrentadas e a coletividade presente na feira mostraram-se pontos importantes de subjetivação para os feirantes, bem como as vivências de prazer e sofrimento em relação ao seu trabalho, alcançando não somente seus modos de trabalhar, mas também de ser e viver.

Introdução

A feira constitui parte fundamental na cadeia do fornecimento de mantimentos, produtos de primeira necessidade e bens culturais dentro do cenário urbano. A prática feirante já existe na sociedade há séculos. Desde o período medieval os mercadores aproveitavam o grande fluxo de pessoas em festas religiosas para dispor suas mercadorias ao público maior dessas ocasiões (SATO, 2009). O modelo de funcionamento sofreu algumas

mudanças ao longo do tempo, mas manteve a mesma essência com a disposição das mercadorias em uma bancada e o tratamento direto com o cliente. Essa interação mais pessoal com o cliente se constitui de diversas formas, seja com uma relação de amizade ou por meio do humor que têm como fim chamar a atenção de possíveis compradores que ainda não conheçam ou não sejam fregueses da banca (SATO, 2012).

Mesmo tendo importância cultural e mercantil, a feira atravessa distintas circunstâncias e exigências, sejam elas por meio da vigilância sanitária vendo a feira como um ambiente não estéril em que opera (MINNAERT; FREITAS, 2010) ou pela concorrência posta pelos supermercados, que têm o benefício dos preços mais baratos por conta da produção em larga escala e funcionamento durante toda a semana (SATO, 2012). Por sua vez, os feirantes, sendo trabalhadores locais e, muitas vezes, de organização familiar, assumem os custos de investimento de sua produção de menor escala, sendo parte deles também produtores de alimentos – o que os insere em um mercado de trabalho desigual em termos de concorrência e possibilidades de investimento.

Nesse cenário, os aportes teóricos para compreender a feira e as situações que a permeiam, respaldou-se na Psicologia Social do Trabalho (PST), uma vertente da Psicologia Social voltada para os fenômenos e problemas do trabalho (SATO; COUTINHO; BERNARDO, 2017). A visão da PST permitiu voltar um olhar crítico e contextualizado sobre os eventos ocorridos na feira, em seus conflitos, resoluções e meios, lembrando da importância da construção do conhecimento de forma conjunta com os feirantes. Para aprofundar essa compreensão e nortear na interpretação do material produzido junto aos feirantes, recorreu-se à Psicodinâmica do Trabalho (PdT), teoria que tem como objeto de estudo as relações dinâmicas entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação e sua manifestação nos processos de prazer e sofrimento (MENDES, 2007).

Materiais e métodos

Para a elaboração da pesquisa, foi utilizado o método qualitativo (MINAYO, 2013), sendo ela exploratória e de campo, a fim de levantar a bibliografia já existente sobre o tema e expandir o conhecimento sobre as relações estabelecidas dentro da feira. Essa expansão foi realizada por meio do trabalho de campo, com o uso de entrevistas semiestruturadas em conjunto com as fotonarrativas.

As fotonarrativas são narrativas realizadas sobre imagens que o próprio participante decide mostrar e contar sobre seu cotidiano laboral. Foram utilizadas como forma de permitir que o próprio trabalhador pudesse nos evidenciar cenas que vivenciam e consideram relevantes, assim demonstrando além de situações concretas, o que pensam e sentem em relação a isso (DUARTE, 2017). Portanto, foi pedido para que cada feirante fotografasse e relatasse sobre seu dia a dia de trabalho, sendo eles mesmos os protagonistas e produtores de fotos e narrativas dessa, conforme a sua escolha. Todo o material de campo foi sistematizado mediante a análise de conteúdo temática (MINAYO, 2013), à luz do PST e da PdT. Todo o

procedimento seguiu a Resolução 466/2012–CNS, sendo o estudo aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o Parecer: 2.068.965, inscrito no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) n. 66087917.3.0000.0104.

Resultados e Discussão

Participaram do estudo três feirantes de dois municípios do Paraná, onde trabalham e residem, conforme quadro 1 abaixo.

Quadro 1: dados dos participantes

| Nome | Idade | Tempo de trabalho na feira | Produto vendido | Escolaridade |
|------------|---------|--|-------------------------------------|------------------------|
| Aurora | 53 anos | Desde criança (com idade não especificada) | Frutas, verduras e legumes de época | Ensino médio completo |
| Vespertino | 36 anos | 15 anos | Frutas | Ensino médio completo |
| Domínico | 52 anos | 2 anos | Livros | Pós graduação completa |

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir do material produzido foram identificados três núcleos de sentido do material de campo produzido junto aos feirantes, sendo estes: Orgulho de ser feirante/trabalhar na feira; Dificuldades antes e depois de 2020; Coletividade na feira.

O orgulho na feira foi levantado de maneira expressiva pelos participantes como uma forma de identificação enquanto trabalhador e mencionado com ênfase ao longo do contato com os três feirantes, tanto pela satisfação em produzir o que chega à mesa do consumir e em garantir que os produtos vendidos são da melhor qualidade quanto a satisfação de garantir o acesso à cultura para a população da cidade.

Quanto às dificuldades antes e depois de 2020, o descaso para com a feira foi um dos principais pontos levantados, a falta de incentivo por parte de governantes/poder público foi mencionada e percebida ao longo das falas e fotonarrativas. Para lidar com as adversidades e mudanças nos processos de trabalho advindos das medidas sanitárias, os feirantes buscaram lidar com os problemas que ocorriam na feira entre si mesmos, com as associações e com o apoio dos vizinhos de banca e a comunidade à sua volta. Esse divisor temporal referente ao ano de 2020, diz respeito à pandemia de Covid-19 que se instalou no país e com ela diversas medidas restritivas foram aplicadas. Com isso, foram relatadas quedas nas vendas e número de fregueses frequentando a feira, o que trouxe insegurança e desafios para manter o trabalho – esse estudo pôde acompanhar esse processo, pois a pesquisa estava em andamento.

A terceira categoria refere-se à coletividade presente na feira. Seja pelo sentimento de falta de coletividade relatado ou pela necessidade e acolhimento também apontados. A coletividade foi apresentada como um aspecto central e de suma importância na feira, como rede de apoio e fonte

de satisfação ao lidar com pessoas, tanto fregueses quanto entre trabalhadores de feira.

Conclusões

Considerando os resultados obtidos, percebe-se a riqueza e a diversidade da feira, assim como a necessidade de mais pesquisas sobre esse local, principalmente sobre a vivência dos que trabalham nela. A feira e os feirantes trazem consigo uma herança histórica e cultural que atende várias camadas da sociedade e perdura desde o período medieval realizando essa função. Pesquisas sobre o ser e trabalhar na feira são necessárias a fim de que possam ser pensadas políticas públicas e iniciativas locais de suporte e apoio aos feirantes em seu trabalho e contexto produtivo para desenvolvimento local, mas que muitas vezes passa despercebido e invisibilizado, seja a feira, sejam os feirantes enquanto categoria profissional.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à instituição de fomento CNPq pela concessão da bolsa para a realização desta pesquisa.

Referências

BERNARDO. M. H; COUTINHO. M. C; SATO. L. **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DUARTE, D. A. **As (foto)narrativas como pesquisa e intervenção dos modos de ser- trabalhar-existir**. Pesquisa Docente. UEM. 2017.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

MINAYO, M. C. S., **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MINNAERT, A. C. S. T.; FREITAS, M. C. S. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1607-1614, jun. 2010.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociedade**, São Paulo: Edusp, 2012.

SATO, L. Visitando a feira livre: Notas sobre a organização e seu trabalho. São Paulo; **Mnemosine**, v. 5, n. 2, p. 227-248, 2009.